



GRUPO DE REVISÃO DA IMPLEMENTAÇÃO
DE CÚPULAS (GRIC)
Primeira Reunião Ordinária de 2025
20 de fevereiro de 2025
Washington, D.C., Estados Unidos

OEA/Ser.E
GRIC/O.1/INF.63/25
24 fevereiro 2025
Original: espanhol

DISCURSO DE ABERTURA DA REPÚBLICA DOMINICANA,
PRESIDÊNCIA DO PROCESSO DE CÚPULAS

(Embaixador Rubén Silié, Presidente do GRIC)

Em nome da República Dominicana, recebam nossos cordiais saudações.

São muitos os acontecimentos registrados desde nosso último encontro e, naturalmente, já a Décima Cúpula das Américas, a ser realizada em 5 de dezembro está muito mais próxima, e continuamos contando com todos os senhores.

Agradeço todas as contribuições, comentários e ideias que recebemos. Gostaria de expressar também nosso reconhecimento ao Secretário-Geral da OEA, Luis Almagro, e nosso agradecimento ao Secretário de Assuntos Hemisféricos, Embaixador James Lambert, e à Diretora da Secretaria de Cúpulas, Maria Celina Conte, que prestaram apoio e acompanharam, de maneira constante, a organização deste encontro. Os senhores são a memória histórica para construir, com base nos mandatos aprovados, ação vital para atribuir coerência e sentido de unidade aos grandes consensos políticos celebrados nas três décadas do Processo de Cúpulas das Américas.

Agradecemos igualmente às entidades que constituem o Grupo de Trabalho Conjunto de Cúpulas (GTCC), o valioso apoio técnico, especialmente no que se refere à apresentação de dados e prioridades imprescindíveis para orientar nossas reflexões no momento de preparar a nota conceitual.

Igualmente se impõe destacar o compromisso permanente da sociedade civil e dos atores sociais das Américas que, no nosso entender, constituem um importante vínculo entre os setores sociais e o Processo de Cúpulas.

A República Dominicana espera continuar contando com a participação e as contribuições de todos os senhores, que consideramos essencial para a construção de um Hemisfério Seguro, Sustentável e de Prosperidade Compartilhada.

Senhoras e senhores,

Nesta época da hiperconectividade, vivemos um desafio que nos obriga a buscar novas formas de relacionamento social, como participar do exercício do poder, como enfrentar os efeitos de eventos climáticos extremos, como reduzir os elevados níveis de violência, como nos alimentar, como saciar a fome dos que não têm o que comer, como eliminar a lacuna entre os que têm e os que não têm, como

assegurar um futuro promissor de mobilidade, enfim, como garantir sociedades em que haja oportunidades para todos.

Caso me perguntassem como caracterizar este convulso presente, diria que entramos em uma era de necessidades insatisfeitas. Com efeito, como bem nos lembra o amigo Heraldo Muñoz, a democracia não conseguiu atender a essas necessidades, acrescentando-se ainda mais as desigualdades sociais, o que se junta a uma crescente sensação de insegurança em nossas ruas. Com tudo isso o futuro promissor que se espera que a democracia nos garanta se mostra ilusório para amplas maiorias.

Antonio Gramsci afirmava que quando o velho não morreu e o novo não pôde nascer surgem fenômenos inverossímeis. Na atualidade, essa afirmação pode ser aplicada à situação política regional.

Por esse motivo, chegou o momento de nosso Hemisfério se dedicar a usar todo o poder da ação estatal e do setor privado para repensar a segurança humana em um sentido mais amplo, que permita libertar as pessoas do jugo do medo. Para superar essa incerteza que se apoderou da cidadania, é preciso incluir a insegurança alimentar, a insegurança hídrica e a insegurança energética.

Escolhemos essas seguranças como temas centrais da nota conceitual, por entender que podem constituir uma âncora de confiança e de certeza estratégica em um momento em que prima a incerteza. Entendemos, do mesmo modo, que alcançar essa nova dimensão da segurança humana compreendida nas seguranças expostas nos confere a oportunidade de formar consensos sólidos em um momento de grave fragmentação e radicalização dos grandes debates políticos.

Senhoras e senhores,

Sem segurança, não há nem pode haver paz, nem a geração de riqueza necessária para retirar milhões da pobreza, nem muito menos alcançar o desenvolvimento, ou seja, a segurança é uma pré-condição para a estabilidade e o desenvolvimento.

É surpreendente e ao mesmo tempo preocupante que nossa região, com somente 8% da população mundial seja responsável por 30% da taxa de homicídios violentos de todo o mundo, em um contexto em que não existem nem conflitos interestatais nem guerras civis. Isso merece uma atenção urgente e uma ação combinada do Estado e do setor privado.

Como bem salientamos na nota conceitual, em um mundo marcado por turbulências e incertezas, a Décima Cúpula das Américas pode contribuir de maneira significativa, suscitando com força a necessidade da construção de seguranças, pilar fundamental para o desenvolvimento sustentável, ao proporcionar o entorno necessário para que as pessoas vivam com dignidade, liberdade e oportunidades de crescimento.

Senhoras e senhores,

A América Latina e o Caribe são ricos em recursos naturais; exportamos um quarto de toda a nossa produção agrícola e, segundo estimativas da FAO, nos próximos três anos exportaremos 25% de toda a produção agrícola e pesqueira do planeta. Como é possível que, com tanta abundância de alimentos na região, 43 milhões de pessoas passem fome?

É inadmissível que semelhante atentado contra a dignidade humana continue ocorrendo, quando dispomos dos recursos suficientes para evitá-lo. A região está obrigada a repensar com urgência e criatividade como podemos livrar nosso Hemisfério da fome, pois, caso seja impossível nos alimentar, isso criará terreno fértil para o abuso, a violência e o crime.

O que expusemos não desconsidera a íntima relação existente entre a disponibilidade de recursos hídricos e a produção de alimentos. Por esse motivo, uma importante decisão para garantir alimentos acessíveis é gerir a água de forma responsável, sabendo que os índices de estresse hídrico vêm aumentando de forma preocupante.

Esta região possui condições invejáveis, por contar com o maior potencial agrícola e disponibilidade de água *per capita* do planeta, uma vez que, com somente 15% da superfície terrestre, recebe 29% de toda a precipitação e 40% da água potável. Por esse motivo insistimos em que um compromisso baseado no uso da tecnologia e da inovação nos permitirá compartilhar melhores práticas na gestão desse precioso recurso.

Finalmente, se queremos sair da armadilha de só continuar produzindo matérias primas e poucos produtos de valor agregado, necessitamos inexoravelmente assegurar a geração de energia a preços acessíveis e de forma sustentável, pois sem segurança energética não pode haver atividade industrial e, por conseguinte, tampouco pode haver empregos de qualidade, como é desejável.

Obrigada a todos, e lembrem-se de que a República Dominicana permanecerá com as portas abertas para receber suas contribuições, sem as quais será impossível alcançar o êxito que todos desejamos.